

FREUD: O CRIADOR DE MITOS

Leonardo Francischelli

PODERIA O HOMEM VIVER SEM SEUS MITOS?

A experiência do homem no mundo parece dizer que não. Ele precisou sim, construir uma mitologia que lhe desse suporte para sobreviver entre iguais. Se isso é assim, como fez o homem para elaborar seus mitos? Como eles nasceram?

“O conhecimento das teorias sexuais infantis, tal como o pensamento infantil as compreende, pode ser interessante em mais de um sentido, e assim resulta sê-lo também, surpreendente, para a interpretação dos mitos e fábulas da antiguidade. Mas, torna-se indispensável para a concepção das próprias neuroses, nas quais as teorias infantis conservam ainda todo seu valor e exercem uma influência determinante sobre a estrutura dos sintomas” (1).

A ligação entre neuroses e mitos acaba de ser estabelecida. Esse caminho abre a possibilidade de evocar um trabalho de Jaques Lacan, de 1953, “O mito individual do neurótico”, texto que só é publicado em 1978, em uma versão estabelecida por Jacques-Alain Miller, autorizada pelo autor (2). Nele, Lacan se expressa sobre o mito do seguinte modo: “O mito e o fantasma juntam-se aqui, e a experiência passional ligada ao vivido atual da relação com o analista, é trampolim, por intermédio das identificações que ela comporta, para a resolução de um certo número de problemas”. Somente colocamos esse comentário para salientar que na sessão analítica sempre trabalhamos com os mitos, o mito individual de todo o neurótico.

Nessa trilha chegamos a Claude Lévi-Strauss: “O doente neurótico acaba com um mito individual ao opor-se a um psicanalista real; a parturiente indígena vence uma desordem orgânica verdadeira, identificando-se com um xamã miticamente transposto”. E ele continua: “Porém, em um caso, trata-se de um mito individual que o doente elabora com ajuda de elementos extraídos de seu passado; em outro, de um mito social, que o doente recebe do exterior e que não corresponde a um estado pessoal antigo” (3).

É notável a conexão que encontramos entre mito e neurose, ou melhor, o neurótico organiza, segundo Lacan, o seu “mito individual do neurótico”, ideia de “mito individual” que nasce em Lévi-Strauss.

A fonte da neurose e do mito é o passado, tanto para Freud, assim como para Lévi-Strauss. É verdade que Freud fala das “teorias sexuais infantis” e não em passado, mas, sem dúvida, essas teorias nascem na primeira infância, e, portanto, representam um tesouro da memória infantil.

“Porém, em outro sentido, é bem conhecido que todo mito é uma procura do tempo perdido” (4).

Essa afirmação abre outras perspectivas em nosso pensamento como, por exemplo, se poderíamos homologar que a neurose é, também, uma procura do tempo perdido.

Tempo perdido não deixa de evocar a obra, de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*.

Estamos todos empenhados na busca do tempo perdido?

Empenhados aqui tem duplo sentido, já que podemos estar “empenhados” como garantia de uma penhora, ou, no sentido de estarmos fixados na busca de algo que perdemos em algum lugar do passado.

Esse último sentido permite-nos falar tanto da neurose como do mito, visto que ambos se nutrem do passado individual de cada sujeito. A gente volta sempre aos velhos lugares onde amou a vida.

Sabemos que a neurose foi construída como uma solução para um momento complicado no percurso individual do sujeito. Com Freud, poderemos pensar que o trânsito mais pesado para o desenvolvimento de cada um é o Complexo de Castração. É aqui que edificamos uma neurose.

Porque teoriza a criança? Seria para driblar o Complexo de Castração?

“A curiosidade sexual das crianças não desperta espontaneamente em consequência de uma necessidade congênita da causalidade, mas sob o agulhão dos instintos egoístas nelas dominantes, quando, ao completar os dois anos, por exemplo, se veem surpreendidas pelo aparecimento de uma nova criança” (5).

É a dor promovida pela presença do outro, sem minha autorização, que promove o pensar, isto é, a produção de teorias para aquilo que me incomoda.

Na verdade, “como toda investigação é um produto da luta do homem com a vida, como se o pensamento se tivesse imposto o trabalho de prevenir a repetição de um sucesso tão temido” (6).

É nessa luta com a vida que o infante constrói as três teorias básicas que sustentam o crescimento do pequeno guerreiro infantil. A primeira consiste em atribuir a toda pessoa, inclusive às de sexo feminino, órgãos genitais masculinos; na segunda, consequente da primeira, a criança é expelida como excremento, numa defecação. E, na terceira, e última, a interpretação do coito é sempre sádica.

“Viver não é preciso, navegar é preciso”, diz a tradição e com sabedoria, visto que a criança não faz outra coisa que navegar: navega em suas teorias sexuais infantis para enfrentar os ciúmes promovidos pela presença de um terceiro, o choque da diferença anatômica, um verdadeiro abalo em sua estrutura narcísica. Ou, como diz a voz popular: a dor ensina a gemer.

A origem das teorias sexuais infantis é que elas possibilitam instrumentos para a interpretação dos mitos, nos diz Freud. As teorias constituem o centro do mito. E elas nasceram do mal-estar e da dor dos acontecimentos da infância.

A antropologia sustenta outra fonte para o mito: “Um mito se refere sempre a acontecimentos passados: ‘antes da criação do mundo’ ou ‘durante as primeiras idades’ ou em todo caso ‘faz muito tempo’. Porém, o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que esses acontecimentos, que se supõem ocorridos em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Ela se refere simultaneamente ao passado, presente e futuro. Uma comparação ajudará a precisar desta ambiguidade fundamental. Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política” (7).

Ainda que possam apresentar, aparentemente, uma origem divergente, devemos admitir que esse “antes da criação do mundo” surja a partir de um desconforto, ou, ao contrário, que representa a saída de uma completude como era o paraíso.

Em 1913, com *Totem e tabu*, Freud construiu seu grande mito. Partindo de Charles Darwin, com a ideia da horda primitiva, de W. R. Smith, com o chamado banquete totêmico, de James Frazer, através dos sacrifícios humanos, entre outros, estabelece que os irmãos unidos matam o pai, possuidor de todas as coisas e de todo o poder.

Desse assassinato nasce a Lei e o pai morto passa a ser o pai simbólico, representante da Lei. Fica estabelecido que ninguém ocupará aquele lugar que foi do pai, sede do poder absoluto. A partir de agora todos serão iguais, na medida em que ninguém gozará dos privilégios do pai primitivo. Constitui-se a Lei contra o incesto e o parricídio.

A violência gerando a cultura. Hoje, quando se fala da caída da função paterna, estamos dizendo que alguma coisa debilitou as normas criadas pelos assassinos do velho pai. A Lei, hoje, não tem o mesmo vigor que ontem.

Em 1930, em *O mal-estar na cultura*, a troca da posição quadrúpede para a postura de pé do homem, produziu efeitos transcendentais: “Em consequência, no começo do fatal processo de cultura se situaria a postura vertical do ser humano” (8).

Observamos que alguns anos depois, Freud estabelece outra fonte para a construção da nossa civilidade. Na passagem da posição quadrúpede para a posição de pé, opera o recalque orgânico sobre o olfato, dando lugar destacado aos estímulos visuais.

“Ao colocar-nos de pé e abandonar a postura animal quadrúpede tornamo-nos seres humanos. Isso Darwin já sabia. Mas, Freud acrescenta a isso uma teoria do recalque. Com essa imagem potente

e com essa novela sobre as origens da cultura no recalque em um dos sentidos considerados mais toscos, sintomaticamente narrada em uma nota de rodapé, Freud novamente se mostra um singular autor de mitos – aliás, nesse ponto, comparável talvez apenas a Platão e aos autores da Bíblia” (9).

Não sei se, efetivamente, poderíamos ir tão longe. Sabemos que essa troca de postura trouxe mudanças substantivas para o homem. Numa simples consulta com os traumatologistas ou os ortopedistas, saberemos o preço que pagamos pela nossa postura em pé. Preço que pagamos com gosto, visto que substituímos o olfato pela visão, por meio de uma operação de recalque e saímos do reino animal.

Pouco tempo depois, em *Sobre a conquista do fogo*, de 1932, Freud trabalhou o mito de Prometeu. Aqui Freud procura penetrar no sentido do mito em lugar de criá-lo. Os mitos, diz ele, “descrevem a renovação dos apetites libidinosos depois que se extinguíram por estarem satisfeitos, ou seja, seu caráter indestrutível; e essa insistência é bem pertinente como consolo se o núcleo histórico do mito trata de uma derrota da vida pulsional, de uma renúncia do pulsional que se fez necessária” (10).

Sem sombra de dúvida, a conquista do fogo pelo homem representa um marco para a cultura. Pois, a partir dessa aquisição, o

**É A DOR
PROMOVIDA
PELA PRESENÇA
DO OUTRO, SEM
MINHA
AUTORIZAÇÃO,
QUE PROMOVE
O PENSAR**

homem não come mais o alimento cru, só cozido. Isto é, a natureza sofre um processo de negativização.

É a pulsão, que domada pela cultura, retoma uma e outra vez através do mito. O debate entre crescer ou permanecer é o que levou o homem a forjar sua mitologia, assim como a criança teorizava sobre a sexualidade movida pela pulsão de saber de que lugar vinha.

Teorizam, ainda?

Leonardo Francischelli é psicanalista, presidente da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi).

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Freud, S. *Teorias sexuais infantis*. Rio de Janeiro: Delta. Vol. 9. pp.121-123. Trabalho original publicado em 1908. 1979.
2. Lacan, J. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio & Alvim, Cooperativa Editora e Livraria. Trabalho original publicado em 1978. 1987.
3. Lévi-Strauss, C. *Antropologia estrutural*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires. p. 180. Trabalho original publicado em 1949-1955. 1968.
4. Lévi-Strauss, C. *op.cit.* p.185. 1968.
5. Freud, S. *op.cit.* p.122. 1979.
6. Freud, S. *op.cit.* p.123. 1979.
7. Lévi-Strauss, C. *op.cit.* p.89. 1968.
8. Freud, S. *O malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. V. XXI. p.97. Trabalho original publicado em 1930. 1979.
9. Seligmann-Silva, M. *Freud: O mal-estar na cultura*. São Paulo: L&PM Pocket. p.34. 2010.
10. Freud, S. *Sobre a conquista do fogo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores. Vol. XXII. p.177. Trabalho original publicado em 1932. 1979.